

ABORDAGEM BIOGRÁFICA: A DIMENSÃO DA VIDA PRESENTE NOS ENUNCIADOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

■ RUSLANE MARCELINO DE MELLO CAMPO NOVAIS

Universidade Federal do Espírito Santo

■ VALDETE CÔCO

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

O presente artigo desenvolve reflexões sobre aspectos teórico-metodológicos da abordagem biográfica na educação, apresentando o delineamento metodológico elaborado para uma pesquisa narrativa no campo da formação continuada, que se desenvolve no contexto da educação infantil. O intuito deste estudo é refletir acerca dos enunciados que evidenciam os modos como os sujeitos atribuem sentidos à articulação entre vida e formação, em suas narrativas, identificando as marcas da dimensão biográfica imbricadas à dimensão formativa. Como resultados, evidencia-se explicitamente a articulação entre o eu pessoal e o profissional, reivindicando oportunidades para o diálogo sobre a formação continuada e a sua atuação docente.

Palavras-chave: Pesquisa biográfica. Pesquisa narrativa. Formação continuada. Educação Infantil.

ABSTRACT

BIOGRAPHICAL APPROACH: THE DIMENSION OF LIFE PRESENT IN THE RESEARCH STATEMENTS IN EDUCATION

The present article develops reflections on theoretical and methodological aspects of the biographical approach in education, presenting the methodological design elaborated for a narrative research in the field of continuing education, which develops in the context of early childhood education. The purpose of this study is to reflect on the statements that show the ways in which the subjects attribute meanings to the articulation between life and formation in their narratives, identifying the marks of the biographical dimension imbricated in the formative dimension. As a result, the articulation

between the personal and the professional self is explicitly stated, claiming opportunities for dialogue about continuing education and about its teaching performance.

Keywords: Biographical research. Narrative research. Continuing education. Child education.

RESUMEN

ABORDAJE BIOGRÁFICO: LA DIMENSIÓN DE LA VIDA PRESENTE EN LOS ENUNCIADOS DE INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN

El presente artículo desarrolla reflexiones sobre aspectos teórico-metodológicos del abordaje biográfico en la educación, presentando el delineamiento metodológico elaborado para una investigación narrativa en el campo de la formación continuada, que se desarrolla en el contexto de la educación infantil. La intención de este estudio está en reflexionar acerca de los enunciados que evidencian los modos como los sujetos atribuyen sentidos a la articulación entre vida y formación en sus narrativas, identificando las huellas de la dimensión biográfica imbricadas en la dimensión formativa. Como resultados, se evidencia explícitamente la articulación entre el yo personal y el profesional, reivindicando oportunidades para el diálogo sobre la formación continuada y sobre su actuación docente.

Palabras clave: Búsqueda biográfica. Investigación narrativa. Formación continua. Educación Infantil.

Introdução

A pesquisa narrativa, no âmbito da abordagem biográfica, tem se consolidado como uma importante alternativa às metodologias sustentadas no paradigma cartesiano que, durante muito tempo, dominaram os modos de produção de conhecimento. A intenção de racionalidade, de objetividade, de neutralidade, tão indispensáveis ao pensamento positivista, não se constituem em características perquiridas nas produções desenvolvidas no contexto da abordagem biográfica, tendo em vista que, nas ciências humanas, o objeto de estudo é o próprio sujeito.

Especialmente em pesquisas com a metodologia narrativa, o encontro com o sujeito é algo singular que guarda uma subjetividade

própria da humanidade inerente ao pesquisado e ao pesquisador. Consideramos que nosso encontro com o outro é sempre simbólico, sempre mediado por palavras e é nas palavras do outro que buscamos compreender os sentidos atribuídos às suas vivências. Sendo assim, a consciência de uma certa subjetividade e da inviabilidade de uma relação neutra com o sujeito da pesquisa chega ao pesquisador carregada de responsabilidade, no sentido de que este necessita encontrar caminhos para responder a uma demanda de produção de conhecimento que não se dá apenas “sobre” o outro, mas também “com” o outro. Nesse sentido, assinalamos que, para Bakhtin (2010, p. 44):

Cada um dos meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir.

Ao pesquisador só é possível ir inteiro ao encontro dos sujeitos, com o seu conteúdo, com o seu modo singular de compreender e dar sentidos ao mundo. Do mesmo modo, ainda que busquemos produzir conhecimento acerca de uma pequena parte da vida, é somente com a vida inteira que o sujeito é capaz de responder.

Com esses referenciais, intencionamos abordar a dimensão biográfica expressa na pesquisa narrativa em educação, apresentando as especificidades do caminho teórico-metodológico que arquitetamos para ir ao encontro de um grupo de sujeitos vinculados ao desenvolvimento de um projeto de formação continuada. Este estudo está vinculado a uma pesquisa situada no campo da formação continuada que se desenvolve no contexto da educação infantil. É uma pesquisa de natureza qualitativa, que se insere no bojo dos estudos com abordagem (auto)biográfica, desenvolvendo a metodologia narrativa, numa perspectiva bakhtiniana.

Dessa forma, objetivamos, neste trabalho, refletir sobre os enunciados que evidenciam os modos como os sujeitos significam a articulação entre vida e formação em suas narrativas. Para isso, apresentamos eventos das narrativas produzidas por professores da educação infantil acerca de suas vivências como formadores de seus pares.

As narrativas foram produzidas em uma roda de conversa que se constituiu, ao mesmo tempo, em espaço de fala e espaço de escuta, de ruído e de silêncio, de concordância e

dissonância, de observar e de ser observado. O pesquisador, na roda de conversa, compartilha desse espaço circular como aquele que observa, mas que também é observado. Esse é um espaço privilegiado, na medida em que sujeitos e pesquisador têm a possibilidade de, a todos, olharem nos olhos. É desse modo que circunscrevemos nosso olhar no encontro com os professores, uma vez que o observador, para Bakhtin (1997, p. 355), “[...] não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado”. E disso depende a compreensão. Compreender o enunciado do outro não é possível do exterior, uma vez que a natureza da compreensão é dialógica. É preciso entrar em dialogia com os enunciados para compreender (BAKHTIN, 1997, p. 355).

Nesse intuito, inicialmente, discutimos a singularidade da pesquisa biográfica e as especificidades que esta pode apresentar, conforme os objetivos de pesquisa e os modos de encontro entre pesquisados e pesquisadores. Seguimos apresentando o delineamento teórico-metodológico da pesquisa desenvolvida, a fim de explicitar as singularidades dos caminhos que escolhemos, na abordagem da pesquisa biográfica. Por fim, apresentamos, numa composição dialógica, um recorte da pesquisa com as narrativas dos professores, objetivando evidenciar como os sujeitos atribuem sentidos à articulação entre a vida e a formação continuada.

Circunscrevendo a singularidade do campo e dos sujeitos de nossa pesquisa

Marcando o referencial bakhtiniano (1997; 2010) como ancoragem teórico-metodológica articulada aos referenciais da pesquisa biográfica (DELORY-MOMBERGER, 2016; SOUZA, 2006; 2007; FERRAROTTI, 2010), enunciamos nossa

compreensão da constituição do sujeito como dialógica e alteritária. Um sujeito que se constitui na relação com outros sujeitos, uma relação que só é possível por meio da linguagem, num processo contínuo de produção de sentidos (BAKHTIN, 1997). Nessa perspectiva, não há um sujeito anterior a essa relação, ou seja, não há um sujeito preestabelecido antes da enunciação, os sujeitos se constituem à medida que interagem. Assim, segundo Bakhtin:

Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta. (BAKHTIN, 1997, p. 314)

É em meio a esse diálogo, numa cadeia sem fim de produção de sentidos, que os sujeitos vão se constituindo. Com esse conceitual, entendemos o sujeito da formação continuada como constituído de modo dialógico, a todo tempo produzindo sentidos sobre o discurso do outro e compondo seu próprio discurso. Portanto, em nossa pesquisa, interessam-nos os enunciados desses sujeitos que apresentam os sentidos por eles produzidos acerca de suas vivências formativas, articuladas a um projeto de formação continuada de uma rede municipal, para compreender as singularidades da vivência da formação. Singularidades de sujeitos que atuam na educação infantil, compreendida como um contexto complexo, marcado por sua especificidade e por contínuas transformações, que reverberam na formação e profissionalização dos professores, tendo em vista que:

[...] Na expansão dos processos de institucionalização da infância, observa-se o fortalecimento do caráter educativo da EI [Educação Infantil] com a inserção nos sistemas de ensino. Delimita-se um campo de trabalho, acompanhado

da necessidade de profissionalização e formação dos educadores [...]. (CÔCO, 2010, p. 4)

A necessidade de profissionalização e de formação está intimamente relacionada a uma necessidade de valorização desses profissionais, uma vez que “[...] a escola não é vista apenas como um lugar de aprendizagem, mas também como um lugar de vida” (NÓVOA, 2002, p. 34). É na instituição escolar que as diferentes vidas se encontram para viver outra vida, esta, agora, coletiva, na qual os sujeitos estão inevitavelmente imbricados, porém, não deixam de ter suas singularidades. Nessa perspectiva, pensar uma formação continuada, que se dá ao mesmo tempo em que ocorre a vida na escola, só faz sentido se a essa vida estiver vinculada. Para Bakhtin (2010, p. 117):

Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. Só se pode compreender a vida como evento, e não como ser-dado. Separada da responsabilidade, a vida não pode ter uma filosofia; ela seria, por princípio, fortuita e privada de fundamentos.

Não é fortuito o encontro que buscamos. Buscamos no evento da vida – vida do professor, vida do formador, vida do pesquisador – a responsabilidade de elaborar respostas e, principalmente, de levantar outras perguntas. Assim, advogamos a possibilidade de, no encontro com os sujeitos, construir “uma pesquisa que em nome do rigor epistemológico não se esvazie nem da curiosidade eticamente comprometida, nem da aventura humana e social de decifrar e intervir na vida como um exercício de prazer” (LINHARES, p. 2001, p. 27).

Ao assumirmos a intervenção também como intenção, não nos propomos, como já dissemos, a elaborar modelos ou máximas da elaboração de formação continuada. Pelo contrário, foi a dúvida a respeito dos modelos que nos moveu a perguntar. O que assumimos aqui é que o encontro com o outro não se dá de for-

ma neutra. Queremos instar o outro a refletir sobre o vivido, mas também permitir que ele movimente nossos modos de compreensão.

Assim, com essa pesquisa, convidamos nossos pares, que também se constituem no outro de nós, a contar uma história por todos vivenciada, em tempos diferentes e com os mais diversos sentidos, reconhecendo o movimento de lembrar e de narrar, com diferentes perspectivas. Vivências que podem nos trazer, no tempo presente, novas aprendizagens e novos sentidos sobre o que passou. Para Delgado (2010, p. 17):

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo da vida individual e encontra-se com o tempo da História, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades.

Nesse movimento de pesquisa, vamos ao encontro dos sujeitos e de suas memórias ativas, apostando no processo de lembrar e de narrá-las, como uma possibilidade de compartilhamento de vivências. Ainda que tenhamos como foco lembrar o processo de formação continuada circunscrito a um tempo¹ e espaço, dentro desse conjunto coexistem memórias de diferentes temporalidades, significadas por sujeitos com olhares singulares, oriundos de espaços distintos.

Reafirmamos a vinculação da pesquisa e da formação continuada com o evento da vida e, nessa vinculação, reconhecemos o contexto temporal e espacial no qual se dá o encontro com o outro. Encontro este dialógico, no qual nos propomos a adentrar na cadeia de comunicação verbal, considerando nossos enunciados como elos dessa cadeia e reconhecendo

¹ O projeto de formação continuada pesquisado abarcou os professores de educação infantil de uma rede de ensino, no período de 2004 a 2016.

neles as ressonâncias dialógicas dos enunciados anteriores (BAKHTIN, 1997, p. 321).

Buscamos, nesse processo de compreensão do campo, produzir conhecimento que contribua para a criação de novos elos na cadeia dialógica, marcando nossa pertença ao campo da formação continuada na educação infantil. Reiteramos o reconhecimento dos professores como principais sujeitos de sua formação e, no cuidado de considerá-los em suas singularidades, marcadas pelo tempo e espaço em que vivem, em nossa pesquisa, apostamos em:

[...] encontros com sujeitos e seus projetos que se respaldam na experiência vivida, elaborada e compartilhada. Só nutrindo-nos como sujeitos pedagógicos, produziremos teorias e práticas pedagógicas com interligações múltiplas como entre aquelas que prenunciam-se como pontes vivas entre o discurso acadêmico e as práticas escolares, entre a escola e a sociedade. (LINHARES, 2001, p. 30-31)

Com esse conceitual, confirmamos o espaço da formação continuada como possibilidade de composição como espaço dialógico e polifônico de encontro com o outro e seu enunciado, reconhecendo sua vinculação direta com perspectiva de ressignificação dos fazeres docentes, por meio da troca entre sujeitos. Desse modo, avançamos para o tópico seguinte, no qual abordaremos a singularidade da produção do conhecimento, nas pesquisas com abordagem (auto)biográfica.

Pesquisa biográfica e (auto) biográfica: o desafio de um modo singular de produção de conhecimento

No movimento de composição do delineamento metodológico da pesquisa, buscamos compreender os distintos modos de pesquisar no encontro com o outro. A metodologia narrativa, no âmbito da abordagem biográfica, apre-

senta-se como a escolha mais adequada para a promoção do encontro com a palavra alheia. Isso porque as pesquisas desenvolvidas nessa abordagem:

[...] podem assumir uma pluralidade de manifestações – mentais, comportamentais, gestuais –, mas a mediação privilegiada para acessar as modalidades singulares segundo as quais o sujeito *biografa/biografiza* suas experiências é, sem contestação, a atividade linguageira, a fala que o sujeito tem sobre si mesmo. Dentre todas as formas do discurso (descritivo, explicativo, argumentativo, avaliativo etc.), um lugar particular é reconhecido ao discurso narrativo, na medida em que o narrativo, pelas suas características específicas, é a forma de discurso que mantém a relação mais direta com a dimensão temporal da experiência e do agir humano. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 140-141, grifos da autora)

Dessa forma, ao organizarem a narrativa de suas experiências, os sujeitos fazem-na numa articulação com o tempo, o tempo dos acontecimentos e o tempo em que a própria narrativa se produz. Segundo Delory-Momberger (2016, p. 136, grifo da autora):

o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma *história*: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida. Algo começa, se desenrola, chega ao fim, em uma sucessão, uma acumulação, uma sobreposição indefinida de episódios e de peripécias, de provações e de experiências.

Essas distintas histórias são inscritas no tempo conforme os sentidos que o sujeito atribui a cada uma delas, conectando-as ou não, relacionando-as ou não, num processo sucessivo, porém não linear, de constituição da própria história. O exercício de narrar essas experiências, de certo modo, impulsiona o sujeito à elaboração desses sentidos. Assim, a “narrativa não é então apenas o produto de um *ato de narrar*, ela tem também um poder de *efetivação* sobre o que ele narra” (DELORY-

MOMBERGER, 2016, p. 141, grifos da autora).

Nesse mote, em uma articulação com o pensamento de Bakhtin (1997, p. 123), reforçamos a potência da narrativa na significação da vida na relação com o tempo, uma vez que “Vivo — penso, sinto, ajo — dentro da sequência de sentido da minha vida e não dentro do todo temporal potencialmente acabado de minha presença no mundo”. Não é a dimensão temporal, presente na narrativa, que dá forma ao vivido, mas sim os sentidos que o sujeito produz. No entanto, quando se trata do outro, Bakhtin destaca o poder das fronteiras temporais na organização da vida:

O outro é mais ultimamente ligado ao tempo (não se trata, claro, do tempo regulado pela matemática e pelas ciências exatas, o que nos levaria de volta a outra generalidade sobre o homem), ele está por inteiro inserido no tempo, assim como se alojava por inteiro no espaço. Na vivência que posso ter dele, nada virá perturbar a continuidade temporal de sua existência. Quanto a mim, não estou por inteiro no tempo, e ‘minha maior parte’, de um modo intuitivo, evidente, vivo-a fora do tempo: uma base imediata me é dada no sentido. Não vivo a temporalidade da minha vida, e essa temporalidade não é o princípio diretivo do ato prático mais elementar [...]. A vida do outro, concreto e determinado, organizo-a no tempo (quando, claro, não abstraio seu ato ou seu pensamento), não num tempo cronológico ou matemático, mas num tempo mensurável em termos de valores e de emoção, um tempo que pode alcançar um ritmo-música. Minha unidade é uma unidade de sentido [...], a unidade do Outro é uma unidade espaço-temporal. (BAKHTIN, 1997, p. 124-125).

Nesse conceitual, o outro se apresenta indispensável na produção de sentidos do sujeito para suas próprias experiências, se constituindo como referência por sua vinculação ao tempo e ao espaço, num acabamento possível de ser avistado. Assim, segundo Delory-Momberger (2016, p. 136, grifos da autora), “a pesquisa biográfica se diferencia de outras cor-

rentes de pesquisa por ela introduzir a dimensão do tempo, e mais especificamente a *temporalidade biográfica* em sua abordagem dos processos de construção individual”. A temporalidade biográfica, à qual a autora se refere, é uma “dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136). Essa forma singular é dada por cada um no ato de narrar as experiências vividas, na grafia da própria vida.

Com isso, em especial no campo da formação continuada, marcamos a singularidade do sujeito na produção de sentidos acerca do vivido e o reconhecimento da importância do outro na produção dos próprios sentidos, sinalizando para a dialogia presente no modo biográfico de produzir conhecimento “[...] a partir das vozes dos atores sobre uma vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no geral, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos” (SOUZA, 2006, p. 27).

Nesse ínterim, a abordagem biográfica emerge da contestação do positivismo como possibilidade de produção de conhecimento com o sujeito e sobre o sujeito inserido no tempo e no espaço, no reconhecimento de que “as experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136).

Na articulação desses referenciais, compreendemos que a produção de sentidos acerca do vivido se dá num processo de negociação do sujeito na elaboração de sua compreensão de tempo e que o exercício de narrar essas experiências impulsiona essa elaboração, na busca de conferir uma forma, um acabamento, ainda que provisório, ao vivenciado. Esse acabamento só é possível pelo distanciamen-

to que o ato de narrar proporciona, tendo em vista que, segundo Bakhtin:

Estou por inteiro *dentro* da minha vida e, se eu de alguma maneira pudesse ver o *exterior* da minha vida, esse exterior se integraria imediatamente à minha vivência interna, a enriqueceria de um modo imanente, ou seja, deixaria de ser exterioridade que, de fora, proporciona acabamento à minha vida, deixaria de ser a fronteira eventual de um finito estético que me proporcionaria, de fora, meu próprio acabamento (BAKHTIN, 1997, p. 101, grifos do autor).

A narrativa do vivido nos oportuniza, temporariamente, experimentar esse lugar exotópico, ainda que não completamente de fora, mas num deslocamento que nos possibilita um excedente de visão, capaz de ampliar os modos de significar a vida. Com essas reflexões, adentramos um pouco mais na questão da singularidade das pesquisas com abordagem biográfica, apresentando o delineamento metodológico desenvolvido para nossa pesquisa.

A singularidade do caminho que escolhemos trilhar: delineamento metodológico do encontro com os sujeitos

Tendo em vista que, neste estudo, intencionamos abordar a dimensão biográfica expressa pelos sujeitos na pesquisa narrativa em educação, reiteramos sua vinculação a uma pesquisa situada no campo da formação continuada que se desenvolve no contexto da educação infantil. E, neste tópico, apresentamos, de modo conciso, o delineamento metodológico de toda a pesquisa, no intuito de tornar mais acessível à compreensão do leitor o caminho trilhado para o encontro com as narrativas dos sujeitos.

Assim, o percurso teórico-metodológico projetado para o encontro com os sujeitos compreende um estudo de natureza qualita-

tiva, com abordagem (auto)biográfica, utilizando a metodologia narrativa, numa perspectiva bakhtiniana. Partindo do pressuposto de que compreendemos nossos interlocutores como seres expressivos e falantes (BAKHTIN, 1997), o plano teórico-metodológico arquitetado sustentou e encaminhou a escolha dos procedimentos utilizados na produção dos dados dessa investigação.

Como já explicitado, os interlocutores de nossa pesquisa são professores que vivenciaram um projeto de formação continuada no âmbito da educação infantil. Este grupo de professores é constituído por dois subgrupos: professores que participaram como formadores do projeto e professores participantes da formação.

Além do critério básico de ter participado do projeto de formação estudado, apresentamos, ainda, como critérios específicos para a composição do subgrupo de professores formadores: ter, no mínimo, um professor formador que tivesse vivenciado diferentes formatações do projeto e, minimamente, ter dois professores formadores que tivessem vivenciado o início do projeto, com a finalidade de possibilitar a participação de sujeitos que vivenciaram temporalidades diferentes e também uma temporalidade maior no desenvolvimento do projeto. Para o grupo de professores, o critério específico era o de, no mínimo, dois professores que tivessem vivenciado o projeto, desde as primeiras fases.

No encontro com esses sujeitos, para responder às questões que nos propusemos – na trajetória do projeto selecionado para o estudo – o caminho que escolhemos trilhar inclui os seguintes procedimentos: a aplicação de questionário com todos os sujeitos da pesquisa para levantamento do perfil; a entrevista narrativa com um sujeito de cada subgrupo da pesquisa; as rodas de conversa com os professores formadores e professores participantes.

Também nos propomos fazer uma busca por documentos que pudessem conter registros que auxiliassem na produção da narrativa dessa vivência conjunta de formação.

Dentre os procedimentos adotados para a pesquisa, interessa-nos, em especial, uma aproximação com a roda de conversa, procedimento utilizado na produção das narrativas com as quais dialogamos nesta produção. Assim, o recorte que trazemos para as reflexões a que nos propomos aqui está situado nas narrativas dos professores formadores produzidas na roda de conversa.

Com a escolha da roda de conversa como procedimento de pesquisa, reiteramos a importância do diálogo com e entre os sujeitos. As rodas de conversa constituem-se como procedimento fundamental para a produção das narrativas dos sujeitos. Elas foram realizadas com os grupos de professores que atuaram como formadores e com o grupo de professores participantes da formação. Destacamos que as distintas temporalidades de atuação e de participação dos sujeitos no projeto de formação se manifestam como fatores potencializadores das discussões e reflexões no compartilhamento das especificidades vividas por cada um.

Com esse delineamento metodológico, seguimos para o próximo tópico, em que apresentamos os enunciados dos sujeitos acerca de sua experiência formativa e narrativa.

O encontro com a palavra alheia: a dimensão biográfica presente nos enunciados

No reconhecimento de que “os estudos das histórias de vida no campo educacional centram-se na pessoa do professor, com ênfase nas subjetividades e identidades que as histórias comportam” (SOUZA, 2007, p. 69) e, com a apresentação de nosso delineamento meto-

dológico, anunciamos que, para as reflexões aqui propostas, o recorte que trazemos está situado nas marcas biográficas presentes nas narrativas dos professores² que atuaram ou atuam como formadores, no projeto de formação continuada pesquisado. Com isso, trazemos para essa discussão os enunciados que evidenciam as relações estabelecidas pelos próprios sujeitos entre a vida e a formação continuada em uma oportunidade de encontro com a palavra alheia.

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p. 115, grifos do autor)

É nesse território comum que nos encontramos com o outro, no desafio de, no movimento de narrar o vivido, dar forma aos diferentes discursos, numa possibilidade de, no curso da compreensão dos sentidos elaborados pelo outro, produzir conhecimento sobre o campo da formação continuada que se dá no contexto da educação infantil. Nesse ínterim, o enunciado que segue apresenta a narrativa da professora formadora na abordagem da perspectiva atual acerca de sua participação como formadora do projeto.

Eu acho que o maior ganho é o aprendizado a partir do outro. É você aprender como lidar com

2 O grupo pesquisado é composto por cinco professoras formadoras que participaram da roda de conversa. Para as discussões deste texto, foram trazidos enunciados de quatro das cinco participantes pela relevância relacionada ao mote deste estudo. Por questões éticas, os sujeitos serão identificados como Professora Formadora 1, 2, 3 e 4.

as falas do outro, como entender e saber ouvir; é você tentar ler, nas entrelinhas, as expectativas, aquilo que ele espera que você leve e que seja adequado pra ele utilizar. Mas também, de você se fazer simples e tranquilo pra lidar com as situações adversas que acontecem. Então, para mim, isso foi um ganho e um grande aprendizado, porque, quando a gente inicia, a gente não tem essa visão. São muitas pessoas e você não consegue enxergar cada uma. O tempo, a proximidade, o jeito de ser de cada um e as falas fazem a gente aprender a ser diferente, a ser uma pessoa melhor. Eu penso que eu ganhei muito com essa experiência. (Professora formadora 1, 2017)

Em seu enunciado, a professora destaca alguns aprendizados atribuídos a sua participação na formação continuada, como formadora, que ultrapassam as fronteiras da dimensão profissional e reverberam na dimensão pessoal, evidenciados quando a professora destaca a possibilidade de “ser uma pessoa melhor”. Nesse enunciado, as relações entre os sujeitos ganham destaque, apresentando-se como um indicador que merece atenção na análise da formação continuada.

Assim, se assumimos que o sujeito se constitui na interação com outros sujeitos, não é possível desconsiderar as relações que entre eles se estabelecem num ambiente formativo. O desejo e a preocupação em agradar, em ser aceita, em conviver com o outro que é seu par, mas que, em função dos distintos papéis ocupados na formação, também pode se apresentar como um oponente na arena discursiva, se manifestam claramente na narrativa da professora. Uma preocupação com o outro, capaz de mover o sujeito numa busca por melhorar o modo de se comunicar com os colegas, revelando não apenas o desejo de ser ouvida, mas também o reconhecimento da importância de ouvir, evidenciando indícios do reconhecimento do caráter dialógico das relações.

Na narrativa que segue, também no propósito de, numa perspectiva atual, analisar as

experiências vivenciadas na formação, a professora desenvolve uma análise pessoal e profissional de modo articulado.

Eu não seria a mesma pessoa, com certeza. Então, assim: eu consigo me perceber como uma profissional antes e como uma profissional depois. [...] A gente muda muito! Muda como pessoa [...]. Não tem como você separar a pessoa do formador. Então, eu acho que o jeito, a personalidade da gente está sempre incutido ali, nos nossos trabalhos. As nossas crenças, os nossos valores, na educação que nós tivemos, naquilo que nós acreditamos, naquilo que nós sonhamos um dia ser realidade. (Professora formadora 2, 2017)

Em sua análise, a professora evidencia a imbricação de sua identidade pessoal e profissional reconhecendo que as aprendizagens no campo profissional se convertem em mudanças no campo pessoal. Assim, os enunciados apresentados pelas professoras confirmam a necessidade de compreender o contexto da formação como um espaço de vida, que não pode ser tratado de modo estéril, distante ou impessoal. Segundo Josso (2007, p. 415, grifos da autora):

A função social dessas formações iniciais e continuadas [...] conhece, assim, uma sensível evolução: de um lugar de geração, aprofundamento ou desenvolvimento de competências diversas, como eram na origem, transformam-se progressivamente em lugar de nova socialização, de reformulação dos laços sociais, de redefinição de projetos de vida, portanto, de redefinição do que é compreendido por muitos como *uma identidade evolutiva*, graças ao fato de levarem em consideração a perspectiva existencial através da qual a vida em suas dimensões psicossomáticas e socioculturais toma forma, se deforma, se transforma, e, dessa maneira, impõe a criação ou recriação de sentido para si – mais ou menos possível de partilhar com outros – e de novas formas de existência e de subsistência.

Assim, na produção da narrativa, o sujeito – ainda no curso da experiência, porém já

a vivenciando há algum tempo – consegue estabelecer uma relação de deslocamento para perceber outro de si, evidenciando a mudança pessoal e profissional percebida numa análise temporal. Delory-Momberger (2016, p. 138, grifos da autora) destaca que “a categoria biográfica poderia ser definida como uma *categoria da experiência* que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sociohistórica, integrar, estruturar, interpretar situações e os acontecimentos da sua vivência”, como observamos também na narrativa que segue:

Essa experiência, quando iniciei, eu tinha um mundo muito diferente, muito fechadinho, onde eu estava, há muitos anos, no mesmo local, na mesma creche. Quando eu tive que sair da zona de conforto onde eu estava, que eu fui pegar um leque maior de colegas de trabalho, outras escolas, outras realidades, eu vi que o mundo era muito maior do que eu imaginava. É assustador! Muitas vezes, à noite, eu pensava, assim: amanhã eu tenho que ir pra tal escola. Então, eu visualizava tudo o que eu achava que ia acontecer. No outro dia, quando eu ia me deitar, [pensava]: nossa! Quantas coisas diferentes, quantos ganhos, quantos desafios [...]. Eu percebi que a gente tem que procurar, que a gente tem muito medo do que a gente não conhece e essas vivências todas que a gente tem, a gente só tem a ganhar porque aí a gente vive, entendeu? (Professora formadora 3, 2017)

O modo como o tamanho do mundo se amplia em função da ampliação dos horizontes e a identificação da vida no movimento de aprender nos permite perceber o lugar exotópico assumido numa determinada temporalidade, com a finalidade de analisar e, de certo modo, julgar a experiência vivida. Nessa narrativa, também se evidencia a imbricação entre vida e formação, entre pessoal e profissional quando, claramente, o profissional invade a casa, o leito e a vida do sujeito, disputando espaço e tempo com o descanso, com a rotina, com o particular. Nesse contexto, observamos que “para cada um de nós, cada situação

e cada experiência é singular, cada um de nós tem o seu modo particular de vivê-la, de lhe dar sua forma e sua significação” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 140), de modo que nos encontramos com um enunciado carregado de vida, que apresenta o medo do novo e a força do enfrentamento e que, com aspecto simples e corriqueiro, nos possibilita vislumbrar a dimensão do que pode ser o desafio da formação, e, em especial, o desafio de ser formador, na vida de um professor da educação infantil.

As experiências vivenciadas são significadas por cada um, de modo singular. Tanto as experiências vividas em âmbito pessoal quanto em âmbito profissional se articulam na constituição do sujeito, uma vez que “o professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é professor” (NÓVOA, 1995, p. 9). Com isso, compreendemos que a formação se constitui em processos que se dão ao longo da vida, na articulação do pessoal e do profissional, de modo indissociável.

Agora, numa reflexão acerca da experiência de poder narrar as vivências da formação em uma roda de conversa, a vida cotidiana emerge com força nas manifestações de incômodo com um tempo fluído, incontrolável e insuficiente para o encontro com as palavras do outro.

Olha, pra mim é um bálsamo, porque a gente tem vivido em tantas correrias e tão ocupadas, com tantas demandas, com tantos atendimentos, tantas necessidades que são muito desgastantes pra gente! É falar de algo que nos constitui e que nos preparou, de certa forma, pra aquilo que a gente vive hoje, porque, talvez, se a gente não tivesse passado por tudo isso aí, [...] ao longo desses 12 anos, talvez a gente não tivesse muita propriedade e muita possibilidade pra desempenhar os papéis que desempenhamos, hoje. Então, vir até aqui hoje, estar com vocês, lembrar dos colegas que não estão, pensando que seria muito bom se eles pudessem estar [...], narrando coisas que me fizeram ser como eu sou hoje, nossa! Pensa! Que coisa boa de viver e de falar! Algo que, se a gente esti-

vesse lá, nos nossos ambientes de trabalho, dificilmente esse assunto viria à tona. Esse assunto não viria à tona, talvez viesse alguma parte dele pra alguma coisa que foi suscitada pela memória, mas, estar aqui, falando disso, analisando esse processo à luz de potencialidades e fragilidades, à luz do que contribuiu, o que foi difícil, como isso me constituiu, é algo que não cabe na correria da vida da gente, como esse olhar, com esse intuito é bom! Tinha que ter mais! (Professora formadora 4, 2017)

Com essa narrativa, a professora evidencia sua necessidade enunciativa, agravada pela dificuldade de encontrar tempo ou criar oportunidades para a efetivação dialógica com seus pares. Essa análise crítica vem carregada de uma premência pela palavra que, talvez, se justifique pelo desejo por possuí-la, se considerarmos que, para Bakhtin, apenas pode ser considerada “minha” a palavra já tomada pelo outro. O outro, de certo modo, “me” confere autoria, identificando nela algo que ainda não lhe pertence. Ao passo que “a palavra que participa de nosso discurso e que nos vem dos enunciados individuais dos outros pode ter preservado, em maior ou menor grau, o tom e a ressonância desses enunciados individuais” (BAKHTIN, 1997, p. 313). Assim, com Bakhtin, compreendemos que “as palavras da língua não são de ninguém, porém, ao mesmo tempo, só as ouvimos em forma de enunciados individuais [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 313).

Mais uma vez, a pesquisa narrativa, no âmbito da abordagem biográfica, se apresenta profícua no sentido de vir ao encontro dessa necessidade enunciativa do sujeito, visto que o interesse da pesquisa biográfica em educação está, justamente:

naquilo que *faz* a narrativa, ele o traz para tentar entender como a narrativa ao mesmo tempo *produz e permite vislumbrar* a construção singular que um indivíduo faz de uma existência e de uma experiência, elas também singulares, que integram e se apropriam desses elementos

coletivos. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 141, grifos da autora)

Ainda, em anuência com a enunciação da colega, na narrativa a seguir, a professora também aborda a dificuldade de oportunidades para o diálogo com os pares e destaca a relevância da roda de conversa realizada no contexto da pesquisa como oportunidade de troca vivencial.

É verdade! É tão difícil, no dia a dia, nós pararmos para uma conversa. O formato de uma roda, a ideia de “vamos trocar nossas vivências, vamos falar um pouco sobre nossas vivências”, foi um momento muito rico. Rico porque trouxe lembranças e trouxe fatos que nós fomos buscar, que estavam tão adormecidos, mas que vieram à tona com a fala de uma colega que me trouxe a lembrança, né?! Nós fomos alinhavando um pouco, mentalmente, as ideias e as lembranças, então, no finalmente, no resumo de tudo, a gente acaba enxergando a nossa história. Quanto que nós já vivemos de formação continuada e quem eu era antes e quem eu sou agora. Então acho bacana lembrar e trazer à tona, porque isso nos valoriza enquanto pessoa; faz a gente se enxergar uma pessoa melhor, mas também faz nós enxergarmos quem é o outro, que nos completa. Eu não seria ninguém se não fosse o outro. Eu só sou a pessoa que sou hoje, tenho essa identidade, pelo pouquinho de cada pessoa que contribuiu comigo na vivência ao longo dos anos. (Professora formadora 1. 2017)

Neste enunciado, focalizamos dois importantes pontos abordados pela professora. O primeiro é o destaque dado à roda como oportunidade de troca com os pares. A roda de conversa, portanto, se constitui em um procedimento com potencial dialógico e formativo, tendo em conta que “[...] permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo” (MOURA; LIMA, 2014, p. 99).

O segundo ponto que destacamos nesta narrativa é a observação de que o enunciado da professora vai ao encontro de nosso referencial, pelo explícito reconhecimento do outro na constituição do eu, deixando entrever uma concepção alteritária de identidade e o reconhecimento das mudanças na constituição de si, ao longo do tempo. Josso (2007, p. 420), ao tratar da construção da identidade, afirma que:

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. (JOSSO, 2007, p. 420)

Com o reconhecimento da complexidade da constituição da(s) identidade(s) do sujeito e da vinculação das dimensões pessoal e profissional, marcamos a importância do encontro com o outro, pelos sentidos e enunciados produzidos pelo outro, a partir de um olhar que só a ele e por ele é possível. Considerando que a composição da vida de cada sujeito possibilita um lugar único de compreensão e produção de sentidos acerca das vivências coletivas de formação continuada, é no encontro com essas singularidades que buscamos compreender os processos formativos em sua coletividade e em sua unicidade.

Assim, professoras da educação infantil que atuaram, ou que ainda atuam, como formadoras de seus pares, no processo de atribuição de sentidos ao vivido coletivamente, destacam a palavra do outro, a vivência com o outro, como fundamental ao desenvolvimento de sua formação, numa elaboração que não separa a dimensão pessoal da dimensão profissional. Na dialogia com esses enunciados,

concordamos com Souza (2007) que o papel do pesquisador não consiste apenas no registro das narrativas, mas sim numa escuta sensível, capaz de identificar o que é relevante na vida dos sujeitos para a compreensão das problemáticas construídas. A relevância dos enunciados dos sujeitos está justamente na historicidade e subjetividade de suas vivências formativas. Com essas reflexões, avançamos para a apresentação das considerações finais possíveis para essa discussão.

Considerações finais

Na articulação dos enunciados dos professores formadores que trouxemos para esta discussão, para nós, ficam evidentes as marcas que os próprios sujeitos deixam em suas narrativas, reconhecendo a vinculação da formação continuada e da atuação docente com a própria vida. Essa imbricação por eles evidenciada reitera a relevância de pesquisas em que essa dimensão seja considerada. Como ignorar a vida no estudo do homem? As ciências humanas são especificamente as ciências do homem em sua singularidade, nela o homem deve ser estudado dentro do texto que produz (BAKHTIN, 1997).

Os enunciados aqui apresentados revelam um vínculo estreito entre os processos de formação e os processos de constituição identitária dos sujeitos. Assim, abordar as questões da identidade, por meio da análise e da interpretação das histórias de vida, possibilita evidenciar que nossas identidades se constituem de modo plural e frágil, num movimento constante ao longo da vida (JOSSO, 2007, p. 415).

Dessa forma, na retomada dos propósitos deste estudo, reafirmamos a pesquisa narrativa, no âmbito da abordagem (auto)biográfica, como caminho efetivo para a produção de conhecimentos numa perspectiva alteritária. O reconhecimento da importância do outro

na constituição do eu impulsiona o encontro e redimensiona os modos de compreensão e de composição das relações entre pesquisador e pesquisado. Com isso, na apresentação do delineamento metodológico elaborado para a pesquisa, reiteramos nossa aposta na singularidade de uma ciência que não objetifica o sujeito no processo de produção de conhecimento, mas com ele pretende produzir sentidos e compreensões.

Os enunciados dos sujeitos sobre a formação continuada que se desenvolve no contexto da educação infantil evidenciam uma articulação entre vida e formação. Em suas narrativas sobre a formação, a dimensão biográfica revela-se imbricada à dimensão formativa. Os aprendizados da formação reverberam na vida, transformando-a, transformando as identidades dos sujeitos e reiterando a importância de “[...] recuperar a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos, socioculturalmente situados, garantindo aos mesmos o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes” (SOUZA, 2007, p. 67).

Assim, a pesquisa narrativa, no campo da formação continuada, apresenta-se potente como meio e espaço de fortalecimento e reconhecimento dos sujeitos, aqui compreendidos como professores e formadores que, em seus enunciados, revelam uma necessidade dialógica e identificam, na experiência narrativa, uma oportunidade de reconhecimento e valorização. Esse modo de desenvolver pesquisa em educação, centrada na abordagem biográfica, está articulado à produção de conhecimentos por meio da experiência e, ao mesmo tempo, pode configurar-se como um processo formativo que possibilita, ao sujeito pesquisado, uma tomada de consciência de si e suas aprendizagens (SOUZA, 2006, p. 23).

Nessa perspectiva de uma vida de possibilidades, situando o campo da formação conti-

nuada no contexto da educação infantil, compreendemos que os processos formativos não podem se dar descolados da vida. Na busca pelas singularidades dos sentidos e olhares, a dimensão da vida apresenta-se nos enunciados dos sujeitos imbricada aos processos formativos. Assim, acreditamos na vida como naturalmente dialógica. E, no diálogo da vida, não podemos participar parcialmente, é preciso estar inteiro (BAKHTIN, 1997). O processo de formar-se professor insere-se no diálogo da vida do eterno vir a ser e, como todo diálogo, precisa do enunciado do outro para se fazer inteiro.

Referências

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail Mikailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CÔCO, Valdete. **A configuração do trabalho docente na educação infantil**. UFES/Brasil. 2010. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/118>>. Acesso em: 15 set. 2016.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, jan./abr. 2016.
- Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526/1711>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 16, p. 20-39, 2002.
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2017.
- LINHARES, Célia. Pesquisas Educacionais podem romper com profecias de nascimento? Memórias e projetos do magistério no Brasil. In: TRINDADE, Vítor; FAZENDA, Ivani; LINHARES, Célia. (Orgs.). **Os lugares dos sujeitos na pesquisa educacional**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 22-43.
- LINHARES, Célia. **Cotidiano e formação de professores**. Brasília, DF: EDUA, 2011.
- MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, UFPB, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun., 2014. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/viewFile/18338/11399>>. Acessado em: 02 mar. 2017.
- NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, UFRN, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://revistaeducacao.educ.ufrn.br/pdfs/v25n11.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. (Orgs.). **Memória e formação de professores** [online]. Sal-

vador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Recebido em: 08.01.2018

Aprovado em: 25.07.2018

Ruslane Marcelino de Mello Campo Novais é mestranda em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Grupo de Pesquisa Formação e Atuação de Educadores (GRUFAE). Professora do curso de Pedagogia e de Pós-Graduação na Faculdade Castelo Branco. e-mail: ruslanemello@hotmail.com

Rua Hermínia B. Ferrari, nº 97, Bairro Lacê, Colatina, ES. Telefone: (27) 999472001

Valdete Côco é doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Departamento de Linguagens Cultura e Educação (DLCE) e do Programa de Pós-Graduação, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Formação e Atuação de Educadores (GRUFAE). Coordenadora do GT07: Educação de crianças de 0 a 6 anos, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) (2016-2019). e-mail: valdetecoco@hotmail.com

Avenida Governador Eurico Rezende, nº 460, Apartamento 1004, Torre B, Res. Vivace, Jardim Camburi, Vitória, ES. Telefone: (27) 988273864